

Directora — Antónia Barreto

Redacção e administração: Barcelos □ Editor-Proprietário: Colégio Missionário Ultramarino — Arcozêlo □ Tipografia: Montariol — Braga

O. N. 111  
BIBLIOTECA

## O DIA DAS CRIANÇAS NO GRANDE CONGRESSO NACIONAL DE MADRASTA

**S**EM dúvida já ouvistes falar do grande Congresso Eucarístico de Madrasta, o primeiro realizado na Índia, no fim do mês de Dezembro.

A vossa Tribuna não pode contar os numerosos preparativos, nem descrever as grandiosas cerimónias, êsses grupos de peregrinos de trajes tão originais, tão bonitos e variados, vindos de todos os pontos da península e dos países vizinhos. Digamos sòmente que foi bela essa reunião de 40 Bispos e Arcebispos, dentre os quais vários índios; que foi imponente êsse grande número de missionários pertencendo a trinta nações diversas, êsse número muito maior ainda de Padres indígenas, rodeando com o seu testemunho de amor e obediência o Representante do Santo Padre, tôda essa multidão formada por rostos bronzeados ou brancos, que se

misturava para entoar com um mesmo e entusiasta transporte o hino *God bless our Pope*, «Deus abençoe o nosso Papa!»

Os chefes do movimento nacional indiano receberam com grande pompa o Legado do Papa e os pagãos que, em boa maioria, povoam a grande cidade de Madrasta, olhavam com respeito e simpatia essa enorme multidão de católicos.

Mas falemos dessa grandiosa Missa de 30 de Dezembro que às sete horas agrupou todos os pequeninos católicos em volta de Sua Exc.<sup>a</sup> Mons. Kierkels, Delegado Apostólico da Índia e Legado do Papa.

Eram ao todo 10.000 dos quais 3.000 cruzados.

Mas 3.000? Sim, é verdade. É que a pedido da Comissão organizadora do Congresso, a Cruzada Eucarística desenvolveu-se intensamente nestes últimos tempos;

tôdas as paróquias, tôdas as instituições de Madrasta trabalharam muito e só nas duas escolas e pensionatos das Franciscanas Missionárias de Maria em Meliapor e Mambalam, as dezenas subiram rapidamente às centenas!

Às 7 horas pois, o sol ergue-se radioso sobre *Island Grounds*, magnífica esplanada formada por uma volta do rio e transformada em vasta basílica para o Congresso.

Faz resplandecer a pequena cúpula dourada que protege o altar e os trajes multicolores das pequeninas índias, os fatos brancos dos Cruzados, as capas violetas dos Prelados e as sotainas vermelhas cintilam sob os seus raios. Precedido dum longo cortejo, o Legado do Papa, avança neste brilhante cenário; atravessa as filas das crianças, sobe os degraus do altar. O Santo Sacrifício começa. Coadjuvados pela coral dos Padres Salesianos de Madrasta, os grupos de crianças cantam a Missa dos Anjos.

Ao ofertório, 50 cruzados saem das filas e sobem os degraus do altar, indo depor nas mãos do Legado — que avançou para os receber — cada um o seu saquinho de sêda branca cheio de grãos do mais belo trigo, emblema da sua participação no Divino Sacrifício.

Para esta simbólica colheita, todos os pequenos católicos das diversas escolas de Madrasta contribuíram com o mérito de generosos esforços.

Há já muito tempo que as Franciscanas Missionárias de Maria, tanto na escola de S. Tomé de Meliapor como na de Mambalam, tinham pôsto à disposição das crianças grandes cibórios em cartão dourado nos quais, todos os dias, as pequeninas índias iam deitar tantos grãos de trigo quantos os sacrifícios que haviam feito. Mas não foram elas as únicas. Em muitas outras escolas, particularmente nas das Franciscanas Missionárias espalhadas um pouco por tôda a parte, em Bombaim, Tanjore, Karachi,

etc., o ardor estimulou-as de tal forma que de todos os cibórios reunidos, se contou até 175.650 grãos de trigo.

Êsse belo trigo transformou-se em pequeninas hóstias e como precisamente as Franciscanas Missionárias de Maria estavam encarregadas de abastecer todos os dias os cibórios do altar do Congresso reservaram-se para a Missa das Crianças, as hóstias feitas com o trigo vindo de todos os pontos da Índia.

Vê-se pois que a oferenda dos cruzados foi, quanto à espécie, simbólica e abundante, em proporção dos sacrificios representados! Foi também acompanhada de muitas orações. Durante os meses que antecederam o Congresso, quantas vezes, todos os dias, se elevou a invocação: «Senhor, que o Congresso seja uma bênção para o nosso país; Senhor, que muitas almas se convertam!...»

Depois o grande dia surgiu, vários comungantes chegaram na própria manhã a Madrasta e após uma noite inteira de viagem, enveredaram directamente para *Island Grounds*.

A piedade e o fervor afastam das distrações que seriam bem um pouco legítimas.

Mas voltemos à Missa...

Quando a campainha dá sinal para a Consagração, tôdas as frentes se inclinam numa profunda adoração... Os clarins saúdam o Rei do Céu descendo na Hóstia... Os cânticos elevam-se e o momento da Comunhão chega rápido.

Sua Exc.<sup>a</sup> Mons. Rocha, Bispo indígena de Tuticorin, dirige na sua língua algumas palavras a esta multidão de crianças que, com tanto entusiasmo, responde ao convite do Salvador. Por isso em breve terão parte no banquete real.

«O banquete de festa está pronto; o momento solene aproxima-se. «Hoje, diz-vos o Divino Mestre, é em tua casa que tomarei a minha refeição.» O grande festim em que o próprio Cristo se faz alimento, é o

memorial da sua Paixão, a fonte de graças, a segurança do céu.»

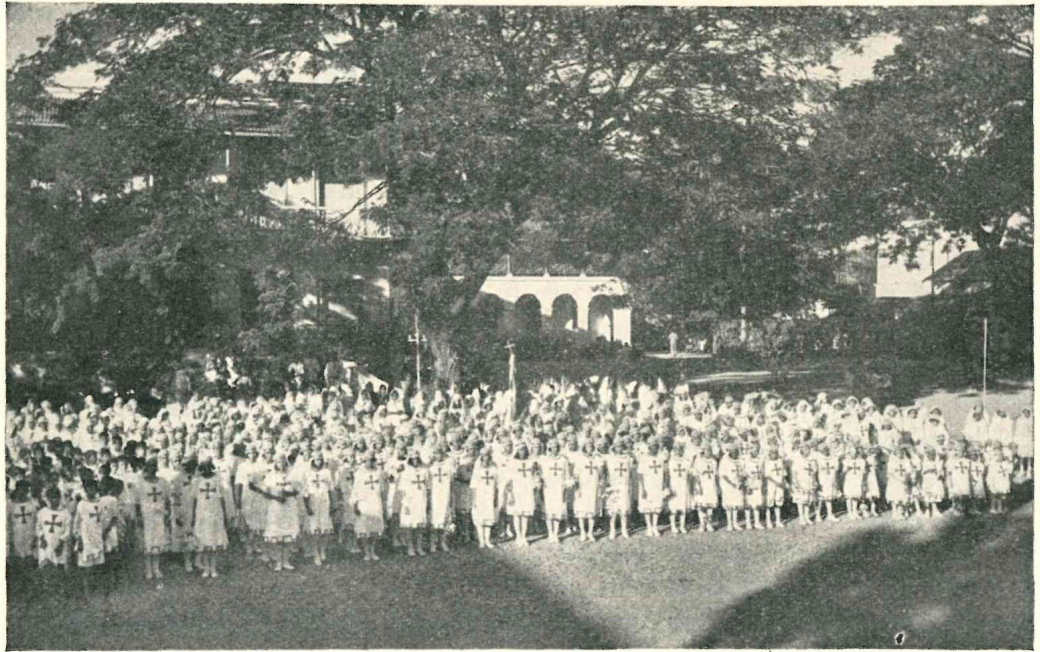
Os pequeninos índios escutam atentamente; não se ouve o mais leve murmúrio.

«Nós não somos dignos, é verdade, mas por amor, Cristo vem a cada um de nós, espectáculo e felicidade de que os anjos sentem uma certa emulação!

«Por tanto, acrescenta o Bispo, sabendo bem que será compreendido, neste dia é preciso tomar fervorosas resoluções. Como é triste, não é verdade, o espectáculo da Índia quasi totalmente separada de Cristo! Quantos nestas belas regiões não acreditam ainda no amor de Nosso Senhor, na sua presença real!

Apenas a centésima parte da população é católica! Quando é que os outros reconhecerão *Jesus e Maria*, sua Mãe?... Vós, meus meninos, deveis auxiliar a conversão do vosso país. Estais aqui, ajoelhados diante do altar, 10.000. Orai pela conversão desses milhões de crianças que não conhecem a Jesus. O futuro tem confiança em vós. Esperamos o vosso concurso para a conversão da Índia!

«É que fareis hoje?... Alistar-vos-eis na Cruzada Eucarística e no Apostolado da Oração. Sêde por sua vez fervorosos na Eucaristia e apóstolos. Assim, com a missa quotidiana, a comunhão diária e o apostolado, podereis ajudar imenso: tornar-vos-eis outro Cristo e levareis mais almas para Ele.



A cruzada Eucarística de Meliapor (Índia)

«É uma grande honra ser na terra hóspede de Cristo; mas Ele será o vosso durante toda a eternidade quando vos fizer assentar à mesa do seu banquete do céu.» A distribuição da Sagrada Comunhão começa; é na verdade o festim do céu...

O Legado quer ser ele a dar a comunhão aos meninos do côro e seminaristas, enquanto dez Bispos e Padres percorrem as filas, dando Deus às jovens almas que o esperam. Decorre meia-hora num recolhimento profundo; o último cibório é colocado vazio sobre o zimbório dourado.

Durante a acção de graças um Padre diz actos de amor, orações, resoluções; alguns cânticos alternam.

Antes da debandada, a Comissão organizadora faz uma abundante distribuição de café e doces, bem necessários a estes 10.000 comungantes, em jejum há muito tempo; são já 9 horas e estão a pé desde as 4 horas e meia.

Agora os carros esperam; tudo se dispersa. As Franciscanas Missionária de Maria reconduzem o seu feliz bandozinho.

Não há nada que possa descrever a alegria recolhida das crianças... Uma pequenina pagã, que, despercebida, tinha conseguido introduzir-se no meio das fileiras, seguiu a cerimônia com o maior interesse, observou sem compreender a pequena Hóstia deposta sobre os lábios de todos os pequenos católicos; no fim parece ter-se operado nela uma transformação completa. Um sorriso que dir-se-ia do céu, ilumina o seu rosto e toda a sua alma transparece no olhar que cintila de alegria.

— Pragasam, que é que tu viste?... Estás contente?»

E o gesto do seus dois bracinhos apertados sobre o coração dizem mais do que a mais eloqüente resposta.

Na noite de 30 de Dezembro, a multidão dos Congressistas enchia de novo o imenso *Island Grounds*. Foram cantos e discursos esplêndidos, depois a apoteose: «As Índias aos pés do Santíssimo Sacramento».

Sobre os degraus do estrado, emergindo das ondas de vaporoso tecido azul, a península com Ceilão e a Birmânia desenhava-se muito nítida, formando um quadro vivo dos mais alegóricos. Cada região, com efeito era representada no seu costume nacional e foram as jovens alunas das Fran-

ciscanas Missionárias de Maria de Meliapor as escolhidas para compor êsse lindo grupo.

Há a sublinhar um interessante detalhe: a maior parte das crianças, alunas da escola de S. Rafael, não são cristãs, mas as famílias, muito em destaque em Meliapor, tinham não somente permitido, mas desejado até que as suas filhas tomassem parte nesse quadro, e além disso, fornecido os trajes que eram dum esplendor e duma riqueza inaudita.

Estes belos dias assim passados, produziram com certeza um grande bem; mas quando se pensa em todas estas almas que, nestas terras longinquas, estão ainda mergulhadas nas negras trevas do paganismo, que trabalho imenso há ainda a realizar!...

Trabalho de apostolado, de oração...

Não quereis vós, queridos amiguinhos da Tribuna, tomar também parte nêle?

Não ouvís os 10.000 pequeninos comungantes de Madrasta suplicar aos seus irmãos da Europa que se unam a êles, que os auxiliem com a sua generosa investida de orações, a fim de que os habitantes da Índia inteira se prostrem um dia, e muito breve, em adoração diante da Hóstia Santa?...

## MIMÁ

«**||**DE chamar a Mimá.»

Mimá, Mimé, Mimi, Mimó, Mimu, repetem os ecos de Boundji, cinco, dez, vinte vezes.

Mimá porém não surge em ponto algum do horizonte.

«Mas onde é que ela teria podido ir?»

— Ainda há pouco estava no dormitório conosco, *Mamelo*.

— Ela fêz também a sua trouxa.

— E depois?

— Depois... Não sabemos!»

E uma busca em regra é feita nos arredores do convento sem resultado satisfatório.

Cipriano não está nada contente. Disse que queria sair muito cedo e por causa dessa garotita, via-se obrigado a esperar.

Por fim chegam duas negrinhas muito esbaforidas.

«Mimá vem aí.

— Onde estava ela?

— Na plantação.

E de facto lá se aproxima por sua vez, o mais tranqüilamente que se pode imaginar.

«Mas então, Mimá, não te disseram que estivesse preparada? Porque foste tu à mandioca?

— Mas porventura eu vou partir?

— Porventura eu vou partir?! Que pergunta! Sem dúvida alguma que partes. Por que motivo hás-de ficar?

— Pois eu sinto-me muito bem aqui e não quero voltar para o meio dos pagãos. Estou resolvida a ser cristã.»

Noutra qualquer ocasião, Cipriano podia declarar-se ativo da sua discípula! Mas aqui, em Boundji, longe da aldeia, no momento de partir, a coisa complica-se.

«Não penses numa coisa dessas, Mimá! O que hei-de eu responder ao teu tio? Deu somente licença para 15 dias e que vai dizer se te não vê regressar?

— Olha, dir-lhe-ás que na sua aldeia não há capela e que eu encontrei aqui uma; que lá não há *Mamelo* e aqui sim; são muito boas, sabem muitas coisas que eu quero saber também e que não volto mais.»

Fazem-lhe ver as conseqüências, ralam-lhe, ameaçam-na, tudo é inútil.

Com Mimá nada se consegue. Seria preciso arrastá-la à fôrça... e na primeira oportunidade escapar-se-ia. A única solução é deixá-la naquela altura em Boundji, contar ao velho chefe a sua resolução e aconselhar-lhe a que venha buscá-la se a quiser tornar a ver.

Muito aborrecido Cipriano regressa à aldeia com a pequena Ipyelê.

Durante uma semana, duas semanas, um mês, as *Mamelo* estão sempre a ver o dia em que chega o velho chefe reclamando a sobrinha!

Mas passaram-se os dias, e as semanas,



sem que da aldeiazinha longinqua houvesse noticia alguma. No convento a aventura foi quasi esquecida e Mimá tomou definitivamente o seu lugar no internato.

Para se tornar filha de Deus a (*Mwana Nzambi*), deixou tirar os anéis de ferro que usava nos pulsos, nos tornozelos e todos os

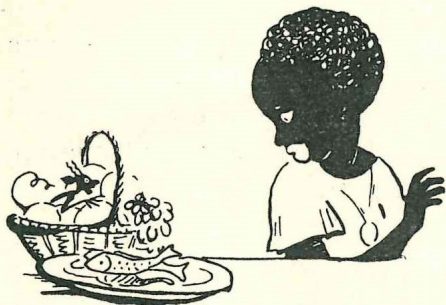
amuletos que, desde o seu nascimento, tinham sido os únicos adornos que trazia. Deixou também cortar as corditas enleadas à volta do pescoço e da cabeça e às quais os negros pagãos atribuem tôdas as espécies de qualidades e protecções.

De tudo isso se despojou sem pesar algum. Mas como foi difficil vencer outros preconceitos! Para os seus 9 anos de idade Mimá era extraordinariamente supersticiosa. Coitadinha, ouvira contar já tantas histórias!

Assim tropeçar numa raiz, numa pedra ou em qualquer outro objecto era um sinal de pouca sorte para todo o dia; de nada valia ir à pesca, porque nem um só peixe caíria no anzol; se acaso se tomasse banho, sobreviria qualquer acidente, talvez até se caísse no estômago de algum crocodilo, etc.

Se por exemplo também acontecia encontrar-se no caminho uma centopeia, nem que fôsse morta e ressequida, era preciso dar-se uma volta e passar de largo, porque tocar-lhe, mesmo descuidadamen-





te, tanto bastava para fazer cair sobre si uma série de desgraças.

É superstições d'este género ti-

nha-as todo o dia. Para as vencer foi preciso esperar meses. Foi preciso que o seu veemente desejo de ser filha de Deus, a *Mwana Nzambi*, se tornasse tão vivo, que para obter a graça do baptismo, consentisse em tocar várias vezes numa centopeia e noutras coisas d'esse género.

Feitas tôdas essas provas e sabendo bem o catecismo, foi fixada a cerimónia do baptizado para a bela festa da Assunção.

Dissemos que da sua aldeiazinha ninguém viera reclamá-la e de facto assim foi durante meses. Mas precisamente alguns dias antes do seu baptismo, um negro do país Mbochi, chegava a Boundji. Interrogam-no. Há sete meses já que um certo catequista, Cipriano, regressara à sua aldeia, a sobrinha do chefe não quisera acompanhá-lo e nunca ninguém a viera reclamar...

Que aconteceu pois?

Então o negro contou que o catequista Cipriano regressara com efeito à aldeia, encontrando-a numa consternação geral. O chefe adoecera; uma paralisia reduzira-o a uma completa imobilidade; com as ideas um pouco perturbadas nunca falara da sobrinha. Parecia mesmo não se lembrar que ela existira.

Não somente na aldeia ninguém mais se preocupou com a criança, mas os pagãos declararam a doença uma vingança dos espiritos, descontentes por verem uma nova religião a propagar-se entre êles. Os catecúmenos, pouco firmes ainda, deixaram-se intimidar e retomaram os seus feitiços. Abandonado por todos, o catequista viu-se

obrigado a abandonar a aldeia e partiu para outra região a prègar a doutrina do grande Nzambi. Ninguém se lembrava mais de Mimá. A divina Providência permitira-o assim para lhe deixar a inteira liberdade de se tornar cristã. Nada punha entraves ao seu desejo, nada a arrebataria à Missão de Boundji. A Rainha do Céu tomou-a sob a sua protecção maternal, e naquele dia, envergando o seu vestido e vèu branco, e a alma mais branca ainda, a pequenina, dora-avante Maria Joana, parecia transfigurada de felicidade.

Decorre um ano. Para Maria Joana, foi um ano de bom trabalho, de generoso progresso; tornou-se quási o modêlo da sua classe.

Ora, uma manhã, espalha-se uma grande notícia. Chegados na véspera à noite, dois negros procuram em Boundji uma criança, a sobrinha do chefe, que abandonou a aldeia Mbochi há perto de dois anos. A história de Mimá é assaz conhecida por tôda a gente e logo os dois enviados tomam a direcção do convento.

O que têm unicamente a dizer, é que o *ngou-olumi*, o tio, o pai adoptivo de Mimá, chora noite e dia porque a sobrinha partiu e nunca mais voltou... Chora e diz que se a não torna a ver, está perdido, pois morrerá de pena.

Sabe-se o quanto são vivas as afeições de familia entre negros. Para socorrer os velhos pais, para tornar a ver os seus filhos, o negro não vacila perante os maiores sacrificios. As crianças mesmo nutrem esta afeição num elevado grau. Mas também — é preciso acrescentar — muitas vezes os pa-



gãos servem-se destas afeições para arranjar as suas conveniências. Quem poderia afirmar que estes dois negros não eram parentes mais ou menos afastados de Mimá e que inventavam a doença e a tristeza do velho chefe para reconduzir a pequena à aldeia, obrigá-la a renunciar à sua religião, desposá-la em seguida a seu belo gôsto e possuir o seu dote?

As *Mamelo* tratam de pôr a pequena de sobreaviso, pois a história é talvez muito falsa, visto as contradições por vezes dos dois selvagens. A própria Mimá presente a armadilha e recusa partir.

Os dois negros vão embora despeitados. Para Maria Joana a vitória parece ganha definitivamente!

Algumas semanas depois, uma boa cristã de Boundji vem ao convento anunciar às *Mamelo* que daí por alguns dias, deveria ir à aldeia natal tratar uns negócios de família. Ora essa aldeia ficava muito perto da aldeia de Mimá. A notícia espalha-se, chega aos ouvidos da nossa negrinha, que, de repente, sente o irresistível desejo de ir ver ela própria se o velho chefe vive ainda, se realmente êle deplora a sua ausência e insiste em querer tê-la ao pé de si.

Podemos numa ocasião que se apresenta favorável levantar dificuldades a êsse amor da aldeia e da família? É impossível. Depois, a cristã promete não a deixar um único instante sòzinha, de vigiar por ela e de a trazer logo de novo se suspeita de qualquer fraude.

Mas sabe-se lá?

Maria Joana partiu e no internato as companheiras ficaram tristes e apreensivas. Elas conheciam tão bem os estratagemas!

«Não, *Mamelo*, diziam elas, mesmo que queira voltar nunca o conseguirá, porque os habitantes da aldeia não a deixarão partir.»

Com o coração amargurado, religiosas e crianças rezam por ela. Que irá acontecer? Decorreu uma semana completa.

Sábado de tarde, que surprêsa! Avisam ao longe a cristã e Maria Joana, que não podendo conter a sua alegria, se dirige numa corrida para o seu querido internato.

Que aconteceu pois? Como pôde ela regressar tão de-pressa? Foi enganada? Mas então conseguiu escapar-se?

Nada de horroroso e de trágico aconteceu, porque sem dúvida o bom anjo de Maria Joana lhe falou em segredo...

Chegada à aldeia da sua companheira, a pequena declarou que era melhor não ir a casa do *ngou-olumi*, pois talvez a quisessem reter, obrigá-la a fazer-se pagã e que alguma coisa lá no íntimo do seu coração lhe dizia para voltar o mais de-pressa possível para junto das

*Mamelo*, onde tantas coisas boas se aprendem e sobretudo se ama o grande *Nzambi* e sua santa Mãi.

Desde êsse instante, Maria Joana não teve um momento mais de sossêgo, ansiando regressar quanto antes. A boa negra satisfazendo êste feliz capricho, apressou os seus negócios. Ei-las agora ambas novamente de regresso, chegadas ao convento.

E como foi festejada pelas suas companheiras! Cantavam vitória. Tratava-se, dir-se-ia, duma verdadeira ressurreição.

Mas quando é que o demónio se considera vencido? Arma sempre das suas...

Algumas semanas passaram ainda e uns desconhecidos apresentam-se de novo. Vêm



da parte do chefe, dizem, e querem ver Mimá. Trazem-lhe peixes, carne muito bem preparada e muitas coisas deliciosas. Insistem para que coma ali, imediatamente, diante dêles. Mas, como verdadeira negrinha que é, Maria Joana tem muita astúcia. Para que há-de comer assim, logo, logo? Não é ainda a hora do jantar... Não haverá qualquer cilada escondida ali? Talvez um veneno, quem sabe?... Com grande admiração de todos, agradece e não aceita.

«Podeis levar essas coisas outra vez; nada quero e não sairei daqui.»

Fizeram tudo, bem arengaram, mas tiveram que voltar sòzinhos e dizer que Mimá não aceitava presentes e não queria

ouvir uma palavra sôbre o seu regresso. Considerar-se-ão vencidos? Assim o esperamos. Já alguns meses são passados.

Mas... a história de Maria Joana não acabou com isso. Não, e talvez que um novo capítulo vá começar.

Apenas estes desconhecidos que se diziam seus primos voltaram costas, a pequenina negra corre para a Madre Superiora e, em grande segrêdo, diz-lhe:

«*Mamelo*, nunca mais voltarei à aldeia! E quando fôr grande, quero fazer como vós, trabalhar e viver unicamente para Deus...»

*Fim.*



## CORREIO MISSIONÁRIO DAS CRIANÇAS

Reverenda Madre Superiora

Tenho oito anos e chamo-me Maria Isabel e a minha Mãezinha deu-me licença para assinar a Tribuna das Crianças. Vi como as Missões são tão infelizes e que é preciso ajudá-las muito. As minhas irmãs fizeram comigo uma venda de caridade na qual apuramos 35\$00. Vou enviar-lhos e serão para ajudar a educar uma pagãzinha de Moçambique, para cima dos três anos, por baptizar: há-de

receber o nome de Ana Maria. Vou fazer-lhe alguns vestidinhos dos que já não uso. Devo fazer a minha Primeira Comunhão no mês do Sagrado Coração de Jesus: reze por mim.

Eu também pedirei muito pela afilhadinha que Nosso Senhor me destinar. Mande-me notícias dela. Peço-lhe aceite os meus respeitosos cumprimentos

*Maria Isabel.*

*Enviai as vossas cartas à direcção dos Anais das Franciscanas Missionárias de Maria*

*Menino Deus — Barcelos.*

Nihil obstat

19-5-938.

*Alexandrino Santos.*

Imprimatur.

Bracarae, 19 Majus 1938.

† A., Arch. Bracaræ.